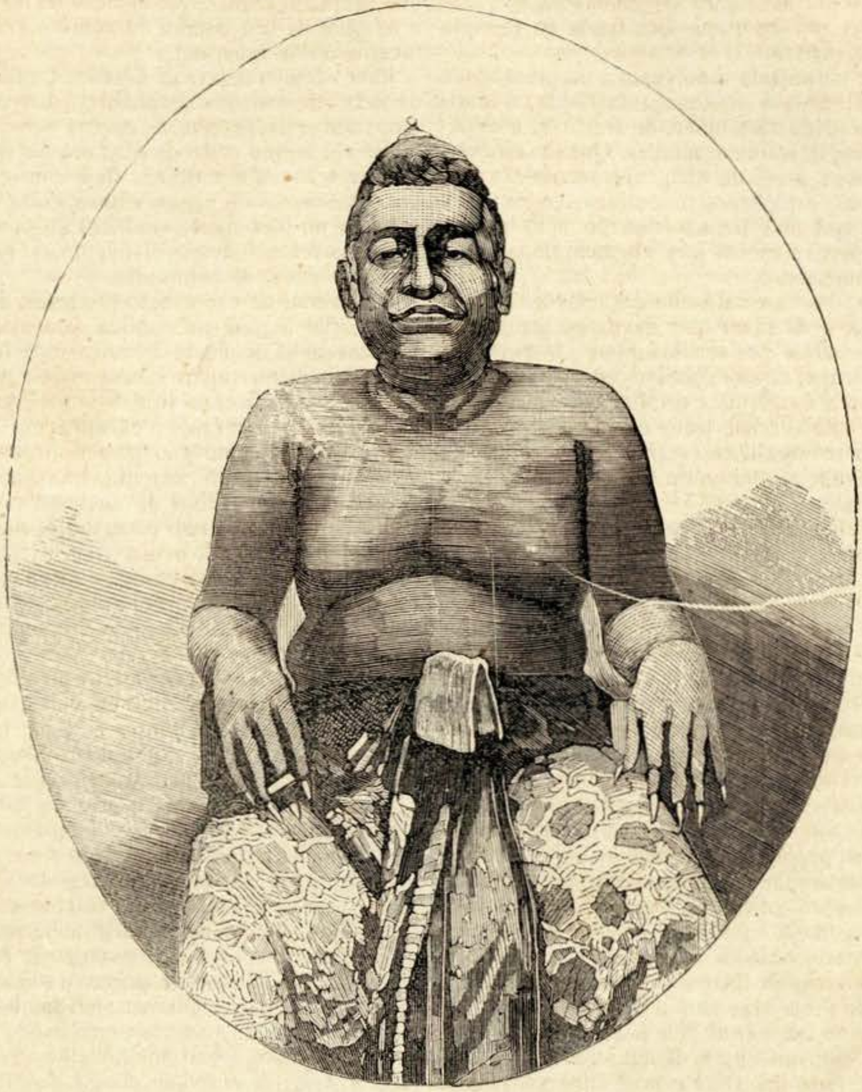


Rei de Sião.—Gravura de Coelho.

ANTIGAS E MODERNAS RELAÇÕES DO REINO DE SIÃO COM PORTUGAL.

A pag. 68 e 192 d'este semanario já se tratou do reino de Sião, d'alguns dos seus usos e costumes, e da transformação que alli hoje se opéra pela benefica e illustrada influencia do seu actual governo. Deram-se tres desenhos relativos ao assumpto, e hoje damos outro. O actual rei de Sião nasceu em 1804, e por morte de seu avô, devendo subir ao throno em 1824, para evitar contestações com o irmão mais velho, que lh'o disputava, preferiu recolher-se a um templo ou convento de Budha. Viveu alli vinte e sete annos, entregue a estudos religiosos e litterarios: adquiriu conhecimento das linguas sanscrista, cingaleza e peguana, e por fim aprendeu latim e inglez com missionarios christãos. Ganhou grande reputação de sabedoria, tornou-se de algum modo reformador religioso, e á similhança do que os *vedantas* da India fazem a respeito da religião de Brama, procura purificar o budhismo, rejeitando todas as fabulas e ficções d'esta religião, conservando-lhe só as instrucções moraes e adoptando os principios da boa philosophia sobre a cosmogonia do universo.

Tendo fallecido em 1852 o ultimo reinante, subiu ao throno o actual, com o nome de *Phra-Bard-Somdetch-Phra-Raramende-Maha-Monghut-Phea-Chom-Klau-Chau-Yu-Hua, Rex Siamensium.* E esta personagem que representa a nossa estampa, copiada d'uma photographia que o proprio rei mandou á rainha da Grão-Bretanha pelos embaixadores que alli vieram. O retrato do segundo rei, que é irmão d'este soberano, póde ver-se a pag. 192.

Uma das singularidades dos siamezes é terem dois reis. O mesmo acontece no Japão; mas o segundo rei não exercita, como n'este imperio, simplesmente a auctoridade religiosa; tem funcções civis, e é uma especie de poder secundario ou reflectido, cujos limites não são bem definidos, ao menos para os europeus que tem estudado as intituições de Sião.

O segundo rei é de ordinario irmão ou proximo parente do primeiro; dispõe da terça parte das rendas do estado; commanda um exercito de 2:000 homens; tem as mesmas honras e insignias reaes; ministros que se correspondem com os do primeiro rei, etc.

Ambos os reis são versados nos livros e sciencias européas. O primeiro até calcula eclipses do sol e da

lua, occultações das estrellas latitudes etc., e trabalhou n'um calendario que em 1850 fez publicar em Bangkok. Tambem já escreveu artigos na Illustração ingleza de novembro de 1856 e estabeleceu uma imprensa no seu paço com typos da escripta nacional e da ingleza.

Em Sião é permittida a polygamia ou pluralidade das mulheres; mas, á similhança da China, o marido toma uma primeira mulher, ou legitima, e as demais são secundarias ou concubinas. Quando sir John Bowring visitou o rei de Sião, apresentou-lhe este quatorze filhos, e passados tres mezes lhe escreveu participando que lhe tinham nascido mais quatro principes. Em tres mezes não augmentou pouco a familia real siameza.

Tratando agora especialmente das relações de Sião com Portugal, é de saber que são de antiga data, e que até ao meiado d'este seculo foram, a respeito dos estados da Europa, quasi exclusivas com o nosso paiz.

Logo depois da conquista de Malaca, em 1511, os portuguezes entabolaram trato commercial com os siamezes, que consentiram estabelecessemos na sua capital uma feitoria, que muito floresceu, mas depois decaiu e acabou.

Tal foi a affeição e confiança que merecemos a este povo, que o seu rei emprestou, em 1660, á cidade de Macau oitocentos arrateis de prata, e varios generos.

Em 1787, reinando D. Maria I, offereceu esta rainha soccorro d'armas e soldados ao governo de Sião para o ajudar na guerra que lhe faziam os birmans; ao que o rei se mostrou muito grato, querendo desde logo ceder-nos terreno para estabelecer nova feitoria, edificar egrejas, etc. Mas tão boas disposições foram desaproveitadas, e só em 1820 o zeloso governador da India, conde do Rio-Pardo, mandou um consul, fulano Silveira, para Bangkok, capital do reino, munido de presentes e de poderes para fazer um tratado de commercio. Foi mui bem acolhido, conseguiu terreno para edificar habitações, e que para guardar o consulado e feitoria houvesse um destacamento de quatro soldados e um sargento, que effectivamente por algum tempo se mandou de Macau, rendido de tres em tres annos. Quanto, porém, ao tratado, nada se fez, parece que por incapacidade do dito consul, que residiu em Bangkok até 1833. Foi então demittido, e em 1852 estava alli encarregado das mesmas funcções o macaense Marcelino d'Araujo Rosa, quando o actual rei Mongkut subiu ao throno, e abriu nova era de progresso e civilisação para o povo siamez.

Nas pomposas festas que houve em Bangkok por aquella occasião, muito figurou o nosso consul, unico representante estrangeiro até então admittido. Na sala do throno via-se, no logar mais nobre, o retrato da rainha de Portugal, a quem o rei Mongkut tratava por irmã. Houve n'estas solemnidades salvas de vinte e um tiro, por um corpo de artilheiros que ainda se denomina *artilharia portugueza*. (1)

Por fallecimento do consul Rosa foi nomeado outro macaense, Antonio Frederico Moor, que hoje reside em Bangkok, e de quem recebemos cartas recentes, que suscitaram escrever este artigo. Ao menos sirva elle para mostrar quanto é ainda vivaz na Asia o prestigio que alli imprimiram as nossas antigos conquistas e glorias, mas do qual infelizmente nada sabemos ou queremos aproveitar.

É sabido que em 1855, depois de perseverantes e longas diligencias, conseguiu a Inglaterra fazer tratado de commercio com Sião, redigido segundo as formulas e clausulas da diplomacia europêa. Para isso foi expressamente a Bangkok o proprio governador de Hong-kong, sir John Bowring, que publicou ha pouco uma curiosa obra intitulada «The Kingdom and people of Siam», que dedicou ao rei de Mangkut, e na qual dá testimunho do genio e vastos conhecimentos d'este soberano.

Pouco tempo depois os Estados-Unidos e a França negociaram tratados similhantes, do que tem resultado activo trato com as nações européas, para as quaes até aqui o reino de Sião era tão defeso ou mais do que o Japão e a China. Hoje concorrem a Bangkok centenares de navios estrangeiros, que tem espalhado no paiz muitos milhões de patacas, dando-lhe consideravel desenvolvimento, e melhorando a condição dos seus habitantes.

Os direitos de exportação produzem sommas avultadas, que o governo applica para melhoramentos. Esperavam-se agora da America e da Inglaterra varias maquinas a vapor. Constroem-se muitos e bons navios, e já se fizeram tres vapores. Abrem-se caminhos, levantam-se casas á européa; em summa, parece que rapidamente vae passar o reino de Sião do estado semi-barbaro, em que ha poucos dias jazia, ao gozo das maravilhas da moderna civilisação.

Sião é extenso e rico paiz, muito sadio, e produz grande quantidade de arroz, assucar, boa madeira de teca e outras de construcção, sibucau, pimenta, couros, pontas de bufalo e de veado, gambouge ou terra japonica (especie de cimento), gomma-laca e muitos outros artigos de commercio. Varios terrenos, até aqui incultos, se vão cobrindo de plantações de arroz, de canna de assucar, etc. Os chins, que prefazem quasi metade dos habitantes do paiz, talvez em numero de tres milhões, exploram habilmente este vasto e novo campo d'emprezas agricolas e commerciaes.

Sião attrahe hoje a attenção de todas as nações mercantis; mas os inglezes e americanos é que vão tirando melhor partido d'este novo mercado.

Os inglezes mandaram expressamente um vapor para conduzir a Inglaterra a celebre embaixada siameza, que tão fallada foi n'aquelle paiz d'onde recentemente se retirava. Era composta de tres embaixadores, dez officiaes de primeira classe, dez de segunda, e grande comitiva: veiu tambem um sobrinho do rei. Esta numerosa embaixada atravessou a França para embarcar em Marselha e seguir de volta para a Asia: demorou-se alguns dias em Paris, nos principios de março ultimo, e foi muito attendida pelo imperador Napoleão, que a recebeu solemnemente nas Tulherias.

Aos consules inglez e americano em Bangkok foram concedidos terrenos, onde tem edificado bellas casas e accommodações para os consulados, que, vergonha é dizel-o, fazem singular contraste com a miseravel habitação do consul portuguez, que é ainda a mesma barraca feita em 1820 pelo referido consul Silveira, que de velha está sustida com cordas e pontaletes para não cair, e a que só por irrisão denominam *casa do consulado e feitoria portugueza*. O consul tem representado instantemente para o governo de Macau e para o da metropole, tanto sobre a necessidade dos concertos na casa do consulado, como para que se envie um negociador para fazer o tratado de commercio; nenhuma providencia, porém, até agora conseguiu.

É só pelo antigo e arraigado prestigio do nome portuguez, que o nosso consul goza da estima e consideração da corte de Bangkok, perante a qual é tambem interinamente encarregado de negocios da França, o que é bem significativo. O rei Mongkut tem perguntado ao consul, por que não se apressa Portugal a fazer tratado que o equipare ás nações que já os tem com Sião. É verdade que os nossos navios, que de Macau vão a Bangkok, gozam dos

(1) Para mais pormenores sobre este assumpto e sobre os visinhos reinos de Camboja, Cochinchina e povos malaios, póde ver-se o capitulo primeiro do segundo volume da minha *Viagem á China*, impressa em Lisboa—1853.

mesmos privilegios e pagam os mesmos direitos que os das nações que já tem tratados; mas isto é pura cortezia e favor do governo siamez, que nos póde retirar quando bem lhe aprouver. Esta circunstancia, lisongeira para Portugal, mais devia determinar o governo, ainda que só fosse por espirito de grata civilidade, a realisar quanto antes uma convenção da qual o reino, e mais particularmente as nossas provincias da Asia e da Africa oriental, poderão colher vantagens muito reaes.

Concluiremos esta noticia transcrevendo do jornal francez *La Presse*, o que publicou sobre este assumpto no meado de março ultimo, ignorando a nossa incuria, e a verdadeira causa do favor que gozâmos em Sião.

«Muitas potencias occidentaes tem feito novos tratados de amizade e commercio com o reino de Sião. Os portuguezes, francezes, inglezes, e americanos, tem hoje direito de se estabelecerem em Bangkok, de comprar propriedades, e de se entregarem a todas as industrias que julgarem proveitosas. Podem egualmente, sob razoaveis condições, importar e exportar generos no paiz e do paiz.

«Ha portanto grande vantagem n'estes tratados; mas cumpre que não se deixem cair em desuso, aliás acabarão por si mesmos. Esta observação cabe principalmente á França, que por descuido tem perdido as vantagens do tratado que fez. Portugal, Inglaterra e os Estados-Unidos mandaram consules para Bangkok, e similhantemente muitos estabelecimentos industriaes n'aquellas regiões são protegidos pelos seus respectivos governos. Resulta d'aqui que os subditos d'estas tres nações acham alli protecção. Por que não fará o mesmo a França?»

O redactor da *Presse* ignorava que o poderoso imperio francez é representado em Sião pelo humilde consul de Portugal, a quem imcumbiu taes funcções mr. de Montigny, consul da França em Shangae (na China), quando foi a Bangkok negociar o tratado.

C.

INDICIOS PROVAVEIS DO TEMPO.

Se é impossivel annunciar com grande antecipação o tempo que fará em tal ou tal dia do anno, é logico e facil aproveitar o conhecimento dos diversos estados habituaes da atmosphera para lhe prever as variações proximas no dia, e mesmo n'alguns dos dias seguintes áquelle em que se fazem as observações.

Este trabalho é resultado d'essas curiosas observações. Advertimos, porém, que indicios não são regra absolutamente certa, mas sómente provavel, tendo os factos quasi sempre demonstrado a veracidade da predicção.

Os indicios, a que conservâmos o nome de prognosticos, podem fazer-se ou observar-se por muitos e differentes modos:

1.º Pela inspecção dos *astros*, considerados debaixo dos differentes aspectos que nos apresentam, na proximidade apparente dos meteoros;

2.º Pela inspecção dos proprios *meteoros* e combinação de suas respectivas propriedades;

3.º Pela inspecção dos costumes de certos *animaes*, e dos habitos d'alguma sorte invariaveis, que hão contrahido, segundo as differentes mudanças da temperatura;

4.º Pela inspecção dos movimentos de certas *flores* á aproximação de certos meteoros;

5.º Pela inspecção da superficie de certos *metaes* sempre que tem de sobrevir maior ou menor intensidade de frio ou calor;

6.º Pela inspecção das diversas sensações que aos *homens* fazem experimentar as differentes variações da humidade ou do calor.

PROGNOSTICOS PELOS ASTROS

Estes prognosticos podem fazer-se pela inspecção do sol, da lua ou das estrellas.

Pelo sol

Os circulos esbranquiçados, ou as coroas ao redor do sol, indicam quéda proxima de nevoa, chuva ou neve, porque estes meteoros não apparecem senão quando ha no ar certa quantidade de vapor aquoso, que propende a reunir-se em pingos; vapores que por consequencia formam logo nuvens que se resolvem em chuva. A precipitação da chuva tem ordinariamente logar nas vinte e quatro horas que se succedem á apparição d'estes meteoros

Quando por tempo claro o sol nasce ou se põe mais ou menos vermelho, e ao mesmo tempo desfigurado; isto annuncia grande massa de vapores aquosos, cuja decomposição não póde tardar.

Sol que evapora a agua, annuncia a existencia de muitas camadas de nuvem, e ordinariamente segue-se tempo chuvoso.

Quando se vêem passar immediatamente sobre o sol pequenas nuvens brancas, que tomam colorido vermelho, verde, ou amarello, annuncio de chuva.

Quando em tempo quente se vê o sol nascente cobrir-se de espessas massas de nuvens que o encobrem, póde esperar-se tempestade de tarde.

Quando ao pôr do sol as nuvens se formam a oeste e se tingem d'um bello vermelho purpura, signal de vento e tempo sêcco.

Quando em tempo chuvoso ou nebuloso, dominando vento oeste, o sol se põe n'uma região clara da atmosphera, annuncio de bom tempo ao menos por vinte e quatro horas.

Reinando ventos d'oeste nada se póde confiar no nascimento do sol por mais sereno que seja: pelo contrario, com ventos de léste, nascimento do sol sereno annuncia sempre bom dia.

As parhelias, ou apparencias de dois ou tres soes ao mesmo tempo, são indicios de neve ou frio.

Pela lua

Os anneis, ou circulos que se formam á roda da lua, indicam proxima caída de nevoa, chuva, ou neve, porque não apparecem á roda da lua, como as coroas á roda do sol, senão quando ha no ar vapores aquosos, cuja decomposição não póde tardar muito.

Se, alargando-se, esses circulos se tornam mui vermelhos, annunciam vento; se do vermelho passam a côr amarella, é indicio provavel de proxima tempestade.

Quando a lua está constantemente coberta de muitas e espessas nuvens, signal quasi certo de que não tarda chuva.

Quando mui leves nuvens brancas passam lentamente e em grande numero perto da lua, póde esperar-se que o dia seguinte seja bello.

De inverno nada se póde, geralmente, inferir da maior ou menor claridade dos cornos do crescente da lua: mas de verão, se os cornos parecem offuscados, é indicio de chuva; se estão claros, indicio de bom tempo.

Pelas estrellas

Quando á roda das estrellas apparecem circulos esbranquiçados, é signal mui provavel de chuva proxima.

Póde predizer-se variação na atmosphera quando

as estrellas parecem mais proximas umas das outras, maiores, e mais scintillantes que de ordinario.

Quando, em tempo sêcco, as estrellas parecem amortecidas, sem que haja entretanto nuvens apparentes, que lhes escondam a vista, é quasi sempre signal de chuva.

Quando de verão perdem inteiramente a claridade e scintillancia, annuncio de temporal proximo.

(Continúa).

MITHRA.

Mithra é um dos vinte e oito Izeds da mythologia zoroastrica, mas o maior e o mais brilhante de todos esses genios de segunda ordem. Ormouzd, (1) que foi quem o creou, fel-o resplandecente como a lua, e collocou-o mais alto que o astro Tachter. Como inimigo de Ahriman, destroe as malignas obras d'este, protegendo activamente os homens. Cobre a terra de fructos e flores, e prodigalisa-lhe a luz solar; eleva ao throno os principes de coração nobre e generoso; dá a saude e o vigor; espanca os máos genios das ruas e de todos os logares habitados; vela, em fim, sobre o universo do alto do Gorothman. Foi elle quem estabeleceu entre os homens os laços da amizade, e é quem, á entrada da ponte Tchinevad, pésa as suas acções. Para não ser logrado em tão complicada vigilancia, deu-lhe Ormouzd mil ouvidos e dez mil olhos.

As inscripções não são accordes sobre a originalidade de Mithra. Muitas confundem-no com o sol, sendo isto a causa da divergencia dos auctores. No entanto Mithra parece não representar só as apparencias materiaes d'aquelle astro, mas tambem a sua propria e benefica alma; porque Mihr, outro genio persa, e que, pelo nome e pelas attribuições, é forçosamente o typo de Mithra, significa fogo e calor. Tambem se ha identificado com um dos deuses-soes da India. Posto que a homonymia não permitta repulsar o parallelo, Burnouf observa que os attributos das duas divindades diversificam, um pouco, e que os gregos, adoptando sem restricção a identidade de Mithra e do sol, escreviam algumas vezes Μείθρος, porque o valor numerico das letras que compõem esta palavra dá um total de 365, numero dos dias do anno solar.

Invocava-se Mithra ao romper da aurora, ao meiodia e ao pôr do sol, e celebravam-lhe varias festas, chamadas mithricas, das quaes a mais notavel era a dos gryphos, que tinha logar a 24 de abril.

Ignora-se a epocha e o logar em que estas festas principiaram

Plutarco, na *Vida de Pompeu*, diz-nos que os piratas de Cicilia, exterminados por este general cem annos antes da morte de J. C., eram iniciados nos mysterios de Mithra. O culto mithrico estava por consequencia n'esta epocha espalhado n'uma grande parte da Asia-Menor. Mas nada prova que fosse uma cousa nova na Cicilia. E como as religiões não se estabelecem e enraízam senão lenta e progressivamente, as mithricas deviam ser conhecidas, ha longo tempo já, na Asia occidental; talvez depois das conquistas de Dario, ou, pelo menos, da fundação da monarchia dos Seleucidas, quatro seculos antes de J. C.

O Egypto ou a Alexandria tinha adoptado o novo culto antes do estabelecimento da religião christã. Foi d'ahi que passou a Roma, em epocha não posterior, de certo, ao anno 67 depois da morte de J. C. As mithricas invadiram a Italia inteira e a Grecia Existiam já na Asia. no Egypto, e, cousa singular, até na Allemanha, quando ainda selvagem, paiz onde se tem encontrado muito maior numero de monumentos representando os ritos principaes do culto de Mithra. É á influencia romana que se deve attribuir este facto notavel? Mas as grosseiras esculpturas que nos restam não parecem reflectir a arte greco-romana; antes pelo contrario nos attestam a sua completa ausencia. A Germania devia, pois, ter recebido as mithricas da propria Asia central, e não de Roma. A historia confirma as numerosas invasões dos povos asiaticos na Europa inculta.

Não se podia ser admittido aos mysterios de Mithra senão depois de longas e dolorosas provas, acompanhadas de jejuns e mortificações, as quaes, segundo diversos auctores, duravam 45, 60 e 70 dias. Era tal o rigor das iniciações, que muitas vezes se viam os neophytos expostos a perder a vida. Em seguida ás provas, *regenerava-se* o iniciado com um baptismo, e imprimia-se-lhe na fronte um signal particular, uma unção, provavelmente. Terminava a ceremonia, fazendo-se-lhe uma offerenda de pão e vinho, e apresentando-se-lhe, ao mesmo tempo, uma coroa e uma espada. Quando se lhe punha a coroa sobre a cabeça o neophyto lançava-a com indignação por cima da espadoa, dizendo: «É Mithra que é a minha coroa!»

O numero de gráos entre os iniciados era de sete. A estes gráos correspondem os sete degráos de uma escada, por onde se subia para os sagrados recintos. Origenes descreve esta escada mysteriosa. Os degráos eram dos differentes metaes, correspondentes aos sete planetas.

Eis, pela sua ordem, uma e outra cousa, começando pelo primeiro degráo debaixo.

GRÁOS	DEGRÁOS	PLANETAS
1.°—Soldados............	Chumbo....	Saturno.
2.°—Léonticos............	Estanho....	Venus.
3.°—Ceracicos............	Cobre	Jupiter.
4.°—Persicos	Ferro.......	Mercurio.
5.°—Bromicos	Amalgama.	Marte.
6.°—Héliacos	Prata.......	Lua.
7.°—Patricos ou padres.	Ouro........	Sol.

Devemos dizer que existe obscuridade sobre esta ordem ou classificação.

Ao longo da escada viam-se sete portas, correspondendo a cada um dos degráos, e na extremidade superior havia uma oitava. O maior e o mais secreto dos symbolos mithricos era relativo aos movimentos do ceo, ás revoluções dos planetas e á passagem das almas por estes astros, em presença do que se comprehende bem o symbolo mystico das portas e sua relativa collocação. Quanto á oitava porta, que não correspondia a gráo algum, essa estava, talvez, em relação com o *padre dos padres*, soberano pontifice do culto mithrico.

Os mysterios de Mithra celebravam-se n'uma gruta obscura, á entrada da qual se immolava um touro. Os monumentos, que tanto variam nos detalhes, reproduzem todos os sacrificios do touro.

O desenho da nossa gravura é copia de um baixorelevo, recentemente descoberto, figurando esse sacrificio. Occupando o centro, está um homem, joven ainda, e com o bonet phrygio, symbolo eminentemente solar, sentado sobre o dorso de um touro, cravando-lhe na garganta um *yatagan*. Em baixo um cão, um scorpião e uma serpente devoram as partes genitaes da victima. Aos lados vêem-se dois personagens tendo cada um, de modos oppostos, um archote.

O homem montado sobre o touro é o proprio Mithra, o sol. O touro é o emblema da vida, do anno antigo que morre para renascer, da terra que tudo produz, e que o sol, quando se ausenta do nosso hemispherio, parece votar á esterilidade, sentido indi-

(1) Vid. pag. 207 d'este semanario, art. Daitias, para lintelligencia d'este nome e dos que se seguem.

cado pelo archote caído para baixo. A gruta representa o inverno, as trevas, o recinto obscuro e mysterioso dos germens que não se manifestaram ainda.

Encontrou-se um outro baixo-relevo mithrico, contendo uma representação com onze quadros, quatro dos quaes imitam o touro, o carneiro, o leão e o scorpião, o que evidentemente indica um mytho zodiacal e solar.

O que sobre tudo mais ha de estranho á supposta origem d'este culto, são as macerações e os jejuns, tão formalmente proscriptos por Zoroastro, bem como o celibato, condição necessaria para chegar á perfeição entre os Mithras. Estes, por outro lado, acreditavam na transmigração, dogma inteiramente estranho á Persia, e onde se não encontra monumento algum do culto mithrico.

É certo que os jejuns, as macerações, o celibato, a metempsycose, em todos os tempos existiram na India. A India adora Vichnu-sol debaixo do nome de Mithra. A India, pelas suas provincias septentrionaes, confina com as terras d'onde partiram as grandes emigrações, que, em diversas epochas, se espalharam na Europa. O imperio Syro-Macedonico tocava d'um lado no Egypto, e do outro na India. Portanto, Mithra, que se tem julgado persa, será indico? Teria o seu culto penetrado pelo oriente da Europa na Allemanha, na Gallia e até na Irlanda, onde encontrâmos o nome de Mithra applicado ao sol?



Mithra immolando o touro, symbolo da vida — Gravura de Flora.

Esta opinião parece-nos tanto mais verosimil, quanto vemos que a raça sacerdotal dos Magos, que, antes de se estabelecer na Persia, existia já na alta Asia, lançou profundos ramos, como o culto mithrico, na Germania e na Gallia.

N. S.

RESUSCITADA POR AMOR.

IV.

A prematura morte d'uma esposa idolatrada submergíra o presidente de Boissieux em tristeza inconsolavel.

Todos os annos, no dia anniversario d'aquella separação, que fôra tão inesperada e tão cruel, o respeitavel magistrado ia só, vestido de lucto, ao cemiterio, ajoelhava sobre a pedra que cobria os restos de Clemencia, e orava com profundo fervor pelo repouso eterno d'aquella que lhe havia embellezado a vida.

Em 14 de outubro 1716, cinco annos depois da morte de sua mulher, foi Boissieux, segundo o costume, ao cemiterio para preencher o piedoso dever que se impuzera de commemorar este funebre anniversario. Havia já perto d'uma hora que estava entregue a suas recordações e no maior recolhimento, quando um ruido ligeiro, como o roçar de vestido de seda, veiu arrancal-o de crueis meditações. Boissieux levantou a

cabeça, e na pessoa que d'este modo acabava de perturbar a sua dor reconheceu sua propria mulher, Clemencia, objecto de tanta tristeza e de tantas lagrimas! A principio pasmou; depois levantou-se precipitadamente, abriu os braços á que crêu ser uma sombra, e exclamou:

— Clemencia! serás tu que por um milagre tornas á vida?

A desconhecida, que o não vira ajoelhado n'aquelle logar, soltou um grito e fugiu precipitadamente. Boissieux quer seguil-a, quer alcançal-a a todo o custo; mas é menos veloz, e só de longe póde vel-a entrar n'uma carruagem, que desapparece pela carreira de quatro magnificos cavallos.

Fóra de si, agitado pela inexplicavel emoção que acabava de causar-lhe aquella apparição inesperada, o presidente corre a casa do coveiro, interroga-o, supplica que lhe explique o que acaba de ver, gratifica-o para que lhe diga quanto sabe do enterro da senhora de Boissieux.

— Oxalá que eu podesse responder-vos: mas nada sei, que só há quatro annos e meio sou coveiro.

— Logo não foste tu que abriste aquella sepultura, e assististe ao seu enterro?

— Não, senhor, foi Renato Glot, coveiro antes de mim.

— E que é feito de Renato?

— Diz-se que herdou uma somma consideravel, e se retirou com mulher e filhos á Normandia, onde, segundo creio, vivem, e tem familia.

— Ha já cinco annos?

— Perto d'isso.

— E não tens visto alguma vezes (proseguiu Boissieux) vagar em tôrno do tumulo da presidenta uma dama joven, formosa, ricamente vestida?

— Nunca. Só ha tres ou quatro dias é que um criado mulato veiu perguntar-me em que parte do cemiterio estava sepultada a senhora de Boissieux, que foi esposa do senhor presidente do tribunal supremo.

— E não te disse mais nada?

— Nada mais.

— Está bem (lhe replicou Boissieux deixando caír na mão do coveiro algumas moedas). Vigia cuidadosamente o tumulo da presidenta. Se alguma cousa extraordinaria vires, avisa logo o intendente da policia. Brevemente tornarei por cá.

Deixando o coveiro, Boissieux dirigiu-se a casa do conde d'Argenson, intendente da policia, e contoulhe o que acabava de succeder, não occultando as suspeitas que lhe acordava no seu animo a desapparição do coveiro, enriquecido subitamente por uma supposta herança.

— Tudo isso é mui romantico (disse d'Argenson, depois de ter escutado attentamente o magistrado): confesso-vos que conto no numero de vossas dolorosas preoccupações a similhança extraordinaria que asseguraes haver notado entre a dama do cemiterio, e vossa defuncta esposa. Entretanto, vou dar immediatamente ordem para que se façam as possiveis diligencias, a fim de averiguar o nome da dama que vistes. Ao mesmo tempo farei que parta um agente para a Normandia com o fim de interrogar discretamente o antigo coveiro.

— Mas não conviria primeiro (interrompeu Boissieux) dispor que, ámanhã mesmo, se abrisse e reconhecesse o tumulo?

Effectivamente, no dia seguinte o intendente da policia, acompanhado dos conselheiros do Chatelet, de um commissario, de dois cirurgiões, e de Boissieux, apresentaram-se no cemiterio da abbadia de S. Germano, e com consentimento da auctoridade ecclesiastica, procederam á abertura da sepultura.

O ataúde violado estava vasio.

Tres dias depois dirigia o intendente da policia a Boissieux uma carta em que lhe dava as seguintes noticias:

«A pessoa que o senhor presidente encontrou no cemiterio em 14 de outubro é a senhora de Garan, esposa do senhor de Garan, major do regimento de artilharia de La Fere, cujo casamento se celebrou em Pondichery, d'onde é oriunda. Ha um mez que os dois esposos chegaram á França. O agente enviado á Normandia encontrou facilmente a familia do coveiro Renato Glot, que ha perto de tres annos morreu. Pelo interrogatorio que fez a sua mulher e filhos soube que não herdára nada, mas que chegou a Vire com uma somma de dez mil libras. Estes pormenores unicos que até agora se alcançaram, são de verdadeira importancia, quando se considera que pela exhumação se verificou, que o corpo da presidenta não estava sepultado.»

Boissieux julgou dever então manifestar ao intendente da policia o que sabia das intimas relações que tinham existido entre a familia Garan e a familia Lafaille; — o casamento projectado entre o joven capitão e Clemencia; — as causas da sua ruptura; — e os obstaculos que encontrára quando ao saber-se a noticia da morte de Jorge de Garan, pediu a mão da filha de Lafaille. Concluiu rogando a d'Argenson, que nada poupasse para seguir os menores passos dos dois amantes, porque não podia duvidar, que a que passava por esposa do major Garan, era sua propria mulher, e estava resolvido a fazel-a voltar a sua casa por todos os meios possiveis!

V.

Verificadas as diligencias preliminares, o presidente Boissieux intentou demanda de rapto contra Garan, pedindo além d'isso, a annullação do segundo matrimonio de Clemencia, a quem intimava e requeria para que tornasse ao domicilio conjugal. Ao mesmo tempo praticava as mais singulares diligencias para recolher todos os dados, todos os indicios que podessem concorrer á averiguação da verdade. Soube com exactidão, pelo ministerio da guerra, o dia da primeira chegada de Jorge de Garan a Paris, dia notavel, porque foi o mesmo da sua marcha precipitada, e o em que viu celebrar os funeraes da presidenta. Achou os postilhões que cinco annos antes tinham conduzido Garan de Paris a Brest, acompanhado de uma mulher velada e enferma. Soube, por ultimo, que Jorge embarcára n'um navio mercante, *la belle Marguerite*, quando podia embarcar em navio do estado. Provido d'estes diversos elementos, tirados de fontes incontestaveis, intentou processo, cujo resultado não duvidava lhe fosse favoravel.

VI.

Similhante causa excitou grande curiosidade, não só pela novidade, mas tambem pelas difficuldades do seu curso, pelo mysterio de que parecia estar rodeada, e mais que tudo pelos distinctos personagens que figuravam n'ella. Nos brilhantes salões de Paris fizeram-se as supposições mais estranhas, os commentarios mais absurdos, as allusões mais picantes, ora contra o esposo que reclamava sua pretendida mulher, ora contra o marido que defendia a que tinha roubado ao sepulchro.

Chegou em fim o grande dia dos debates. O magestoso recinto do parlamento encheu-se de uma multidão ávida de emoções, apaixonada, ardente, facil de commover, e que, arrastada pela eloquencia dos advogados, seduzida pela extrema formosura de Clemencia, fazia publica ostentação de seus desejos pelo triumpho de uma mulher, que se apresentava como victima de uma infernal machinação.

Lafaille, a quem a resistencia de sua filha, quando a quiz casar com o presidente de Boissieux, affe-

ctou profundamente, tinha-se retirado a Tolosa, desde que a imprevista morte de Clemencia o enchêra de uma dor tanto mais profunda, quanto se culpava a si mesmo de ter abbreviado os dias da infeliz. A noticia d'este estranho processo, poz-se o velho magistrado em marcha precipitada para Paris. Apenas chegou, viu Clemencia. Chorou como uma criança, chamando-lhe sua filha, e estreitando-a nos braços. Entretanto Clemencia, sem manifestar exteriormente a menor emoção, sem que nenhum outro sentimento, mais que surpreza e respeitoso interesse, parecesse alterar a doce quietação do seu semblante, declarou aos magistrados que tinham querido assistir a esta entrevista, que não conhecia absolutamente a pessoa que tinha diante de si, admirando-se de ser objecto de persigueções tão crueis como immerecidas. Na audiencia renovou estas declarações. Em presença de Boissieux rechaçou com dignidade e animo sereno as allegações; referiu a mais curta e singela historia da sua vida; a exposição feita pelo seu advogado Moizas, com documentos que não deixavam a menor duvida ácerca da sua authenticidade, confirmou o que ella dizia. A esposa do major Garan, nascida em Pondichery de paes francezes, mr. Merval, e m.^{me} Fichot, casára havia tres annos, na propria capella do governo, sendo testimunhas d'isso militares d'alta graduação, e funccionarios de cathegoria. A sua certidão de baptismo estava legalisada; o contracto e certificado authentico do seu casamento revestidos de todas as garantias e prescripções legaes. Finalmente, a bordo de um navio do estado tinham os dois esposos vindo para França. Nada, pois, devia fazer suspeitar que um homem de honra, que um militar distincto, como Garan o tinha sido sempre, quizesse enganar impudentemente a justiça; do mesmo modo que não era possivel pensar, que uma mulher joven e virtuosa podesse sustentar com tanta tenacidade e audacia uma impostura que confundia a razão.

Este thema, habilmente desenvolvido por Moizas, um dos mais distinctos advogados do parlamento, produziu no auditorio apaixonado, e até nos proprios bancos dos magistrados, certa impressão de duvida, que não tardou em converter-se em convicção

Boissieux invocou mais a controversia suscitada pelos medicos e cirurgiões da epocha, controversia que confirmava que em grande numero de casos, o lethargo com todos os symptomas de morte durára muito dias.

Toda esta eloquencia, toda esta acalorada argumentação devia cair por terra diante da serenidade da joven esposa de Garan. Sentada ao lado do seu defensor, rodeada de amigos da familia de seu marido, parecia esperar a sentença, confiada na justiça divina e humana. Os magistrados, indecisos a principio não tardaram em interessar-se pelo estranho destino d'aquella mulher tão joven e tão linda, que nascida debaixo de ceo estrangeiro, se confiára ao amor de seu esposo, seguira a sorte de Garan, e só chegava á patria inhospitaleira, para ver-se arrastada aos bancos do crime, disputando-se-lhe o seu estado de esposa, de filha e de mãe.

VII.

Sob a impressão de taes pensamentos, depois que o orgão imparcial da lei se pronunciou pedindo que fosse desprezado o pedido do presidente Boissieux, e concedida a reparação devida ao major Garan e sua esposa, injustamente atacados no seu estado, na sua consideração, e na sua honra; iam já os magistrados levantar-se, quando um incidente imprevisto, capital, decisivo, veiu mudar subitamente a disposição dos seus animos, e dar aspecto inteiramente novo ao processo.

Em quanto no meio do mais profundo silencio e da attenção geral o advogado do rei fallava, Boissieux correu a casa e abraçou sua filha, que completára seis annos: tinha tambem o nome de Clemencia, e contava pouco mais de um anno quando perdêra sua mãe. Um pensamento de esperança brilhára na mente do magistrado afflicto. Tomou a encantadora criança pela mão, e apresentou-se com ella no tribunal.

Como acabámos de dizer, tinham-se os juizes levantado, e iam passar á sala das deliberações. Boissieux, cuja reapparição chamou á attenção do presidente do tribunal, fez-lhe signal supplicante para que esperasse alguns segundos, dirigiu-se aonde a senhora de Garan estava sentada a par do seu defensor, que estava distrahido em reunir os documentos que tinham constituido o corpo da defesa, e demasiado absorto para que fixasse attenção no seu adversario.

A senhora de Garan, com a cabeça apoiada na mão direita, parecia submergida em dolorosas reflexões. N'aquelle momento a menina, que Boissieux conduzira até alli, tomou-lhe docemente a mão, e levantando-se sobre as pontinhas dos pés, para lhe apresentar a face fresca e risonha, lhe disse com suavissima voz infantil:

— Mamã, não quer dar-me um abraço?

De repente, como se a arrancassem áquella especie de torpor, Clemencia estreitou ternamente a criança nos braços, encheu-a de beijos e de lagrimas, e não pôde conter estas solemnes palavras:

— Clemencia! filha de minhas entranhas!

VIII.

A direcção do processo mudára inteiramente desde aquelle momento! Mas o defensor da joven Lafaille, que via cair por terra todo o edificio da sua convicção, nem por isso abandonou a cliente. Engrandeceu-a aos proprios olhos, e aos dos juizes: traçou quadro pathetico e arrebatador dos seus soffrimentos: pintou os combates, a resignação, a piedosa obediencia a seu pae: apresentou-a depois arrancada milagrosamente á morte, fugindo de França e crendo-se livre para poder consagrar a vida áquelle a quem a devia: e concluiu pedindo ao tribunal, que declarasse nullo um matrimonio que a morte disolvera, e desprezasse a pretenção de Boissieux, que á viva força queria levar para casa a que não tinha sabido conservar e pôr ao abrigo do mais espantoso dos erros.

Uma sentença n'este sentido era impossivel.

O matrimonio contrahido pelo cavalheiro Garan em Pondichery foi declarado nullo, e Clemencia Lafaille condemnada a tornar ao domicilio de seu esposo legitimo, o presidente Boissieux.

No dia immediato ao da sentença, Clemencia Lafaille, que tornára a tomar este nome, mas que insistia em lhe acrescentar o de esposa de Garan, apresentou ao rei um memorial, pedindo-lhe permitisse retirar-se a um convento de monjas carmelitas ou a qualquer outro que sua magestade houvesse por bem designar-lhe.

Esta petição não teve exito, antes lhe intimaram, que no termo de vinte e quatro horas cumprisse a sentença do parlamento.

Ás seis horas da tarde do dia seguinte, havendo Boissieux reunido em casa os membros da sua familia, seus companheiros e seus amigos, para receber a esposa, que para aquella hora annunciara o seu regresso, apresentou-se Clemencia, só, vestida de branco, e com seus mais preciosos adornos.

Ao abrir-se a porta da sala, e ao annunciar um pagem a chegada da senhora presidenta de Boissieux, o grave magistrado levantava-se precipitadamente para lhe ir ao encontro, quando Clemencia lhe fez signal para que parasse.

— Cavalheiro (lhe disse ella com voz tranquilla e resignada) restituo-vos o que tinheis perdido!

Proferindo estas palavras, caíu morta, como fulminada, sobre o pavimento.

N'aquella mesma noite Jorge de Garan, que, como Clemencia, se tinha envenenado, espirava egualmente nos braços de sua mãe!

COSTUMES DO THIBET.

MULHERES QUE ENVERNIZAM A CARA

Os thibetanos pertencem á grande familia ou raça mongolica. Tem cabellos negros, barba pouco fornida, olhos pequenos e encovados, maçãs do rosto salientes, nariz pequeno, boca larga, e beiços delgados. A côr é um tanto trigueira; mas nas classes elevadas vêem-se rostos tão brancos como na Europa. São d'altura mediana, ageis e flexiveis como os chins, fortes e vigorosos como os tartaros, nações com que avisinham.

Os exercicios gymnasticos, sobretudo a dança, são muito do gosto d'este povo, cujo modo de andar é cadenciado e ligeiro. Em Lha-Ssa, capital do Thibet (na Asia central), ouve-se sempre pelas ruas os habitantes cantarolarem orações ou contos populares.

São os thibetanos de caracter franco e generoso; valentes na guerra; tão religiosos como os tartaros, porém menos credulos; pouco aceiados, mas amam o luxo e os trajes sumptuosos.

Os naturaes do Thibet não rapam a cabeça como os mongoles e chins; deixam fluctuar os cabellos sobre as costas, cortando-os apenas á thesoura de tempos a tempos. Os peraltas de Lha-Ssa tem desde alguns annos adoptado a moda de entrançar os cabellos á maneira dos chins, ornando a trança com adereces de ouro, incrustados de pedras preciosas e de grãos de coral. O vestuario consiste n'uma larga opa, ajustada ao lado direito com quatro colchetes, e apertada na cintura por uma cinta vermelha.

O traje das mulheres é quasi similhante ao dos homens, mas por cima da opa vestem uma tunica de côres variegadas. Dividem os cabellos em duas tranças, que pendem ao longo das costas. As mulheres das classes baixas toucam-se com pequenos barretes amarellos, similhantes na forma ao barrete phrygio ou da liberdade, que se usava no tempo da republica franceza. As senhoras de qualidade ornam simplesmente a cabeça com uma coroa elegante e graciosa feita de perolas finas.

Ha um uso, ou antes preceito legal, entre as thibetanas, que parece incrivel, e que de certo é unico em todo o mundo. Antes de saírem de casa, esfregam o rosto com certo verniz negro e pegajoso, muito similhante ao arrobe de vinho, e como intentam tornar-se feias e hediondas, mascarram-se de modo que não se assimilham a creaturas humanas. Tão extravagante e monstruosa pratica teve a seguinte origem.

Haverá duzentos annos, o nomekhan, ou lamá-rei (pontifice e soberano temporal) que governava no Thibet, era homem austero e de rigidos costumes. As thibetanas, como as demais mulheres de todas as nações do globo, não tinham por costume fazer-se feias; pelo contrario, dizem, procuravam seduzir os homens dando realce ás feições, e largas ao luxo e aos adornos feminis. D'aqui proveiu grande relaxação de costumes, a tal ponto que a immoralidade se introduziu pouco a pouco na santa familia dos lamás ou sacerdotes do grão-lamá ou Budha vivo. Os conventos budhos afrouxavam na sua antiga e severa disciplina, e caminhavam rapidamente para completa dissolução.

Para suspender os progressos d'esta libertinagem, que se havia tornado quasi geral, o nomekhan publicou um decreto prohibindo ás mulheres apparecerem em publico, sem que desfigurassem o rosto do modo que já referimos. Altas considerações moraes e religiosas serviram de preambulo a tão extravagante lei, que impoz severas penas ás contraventoras, sobre tudo a de incorrerem na colera e indignição do deus Budha.

Foi na verdade extraordinario arrojo estabelecer similhante lei, porém mais estranho ainda é, que as mulheres a cumprissem e se resignassem; pelo menos não ha tradição de que fizessem a menor resistencia ou insurreição.

Em obediencia á lei, as thibetanas mascarraram-se á porfia, tornando-se feias a ponto de metterem medo. Tal costume se tem religiosamente observado até hoje, e parece que é considerado agora como ponto de devoção, ou mesmo como artigo de dogma. As mulheres que se lambusam do modo mais repugnante, são tidas em maior santidade. Nos campos é este preceito observado com escrupulo; mas nas cidades e principalmente na capital, não é raro encontrar nas ruas algumas mulheres, que despresando a lei e as conviniencias do seculo, mostram em publico a physionomia não envernisada, e tal como a natureza lh'a deu. As que, porém, tomam esta liberdade gozam de má reputação, e se escondem quando vêem algum agente das auctoridades.

No Thibet asseguram que o decreto do nomekhan, foi muito proveitoso á moralidade publica. É, porém, fóra de duvida que os thibetanos não são exemplares em bons costumes: ha entre elles muita devassidão, e por certo o mais negro e asqueroso verniz nunca poderá reconduzir á virtude povos uma vez corrompidos. Só o Evangelho póde arrancar as nações pagãs do lodaçal de vergonhosos vicios, em que jazem quasi todas.

C.

ENIGMA PITTORESCO.



Explicação do enigma do numero antecedente.

Deus desceu ao mundo para partir as algemas aos captivos e remir os nossos peccados.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 B.